

JOSÉ ANTÓNIO PINHEIRO E ROSA

A DIOCESE DO ALGARVE E A UNIVERSIDADE DE COIMBRA



COIMBRA
1 9 9 2

JOSÉ ANTÓNIO PINHEIRO E ROSA

A DIOCESE DO ALGARVE E A UNIVERSIDADE DE COIMBRA



COIMBRA

1 9 9 2

This One



XKD5-KB0-DFXS

Copyrighted material

Separata da
Revista da Universidade de Coimbra
Vol. XXXVII — Ano 1992 — pág. 77-91

A DIOCESE DO ALGARVE E A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

JOSÉ ANTÓNIO PINHEIRO E ROSA

Academia Portuguesa da História

PROÉMIO

Nunca a honra de um convite se harmonizou mais com a satisfação de a ele aceder do que na presente conjuntura.

Já eu era um admirador do Senhor Professor Doutor Luís de Albuquerque, quando um dia, de trás de um pedido que fizera a uma burocrática entidade oficial, me surgiu a assinatura de Sua Excelência com o deferimento e rodeada de tanta franqueza e gentileza, que à admiração fiquei juntando imediatamente a gratidão e a amizade.

Foi pois com alvoroçado contentamento que decidi associar-me a esta justa homenagem, só com um pesar — o de, neste quadro, não poder ser uma cor viva e um traço firme mas apenas ter o papel de uma simples sombra a contrastar com o brilho da restante colaboração.

Pois o que havia de ser este escrito, senão um relembrar dos Bispos e Cônegos do Algarve formados na Universidade de Coimbra ou que nela ensinaram?

Bem sei que um escritor subtil poderia dedicar-se ao estudo da influência que a Universidade pudesse ter tido naquele território português através dos bispos e cônegos dela saídos. Mas isso exigiria muito tempo e não era para um artigo de revista.

Seguindo aquela advertência — «Qui ne sut se borner ne sut jamais écrire» —, as minhas aspirações são mais modestas.

A diocese do Algarve começou, quando ainda não havia Universidade. Já pondo de lado locubrações bairristas, que a querem fazer a mais antiga do país, dando-lhe continuidade à de Ossónoba, não pensemos senão no período silvense, que remontará, no máximo, ao bispo D. Nicolau, da conquista de D. Sancho I. Mesmo restringindo-nos até à segunda conquista, teremos 1198, em que a Universidade ainda vinha longe.

É verdade que foi o Prior de Santa Maria de Faaron um dos que assinaram o pedido ao Papa para a Fundação dos Estudos Gerais — pedido que

D. Dinis transformou em seu, para ficar com as honras e os proveitos de ter sido o Fundador. Teria sido esta uma remota relação do Algarve com a Universidade. Mas escusamos de entrar na região das nuvens.

Do primeiro período em que a Universidade esteve em Coimbra foi o célebre D. Álvaro Pais, que, sendo um luminar não só da Igreja Algarbiense mas da Universal, nada teve com o nosso primeiro Instituto de Ensino Superior. Doutorou-se em Bolonha e ensinou na universidade da Itália.

Dos outros bispos de Silves o pouco que se sabe não chega para ver se fizeram estudos universitários.

Só o último, D. Jerónimo Osório, teve relações com a Universidade de Coimbra, que, desde 1537, nessa cidade estava instalada definitivamente.

E agora sim! Nunca mais a diocese do Sul deixou de estar em relação com o mais alto foco da Ciência do País.

D. *Jerónimo Osório*, último bispo de Silves e primeiro de Faro, veio para ali, julgo que por um acto de decisão enérgica, na sexta-feira santa de 1577. Encontrei em primeira mão, ainda não há seis meses, estou-as estudando e vou publicá-las umas «Visitações» de D. Jerónimo Osório à igreja paroquial de Santa Maria de Faro. Uma delas, a 3 de Março de 1577, não traz qualquer alusão a que a igreja se vá tornar catedral. E contudo, a 30 desse mesmo Março, D. Jerónimo e o seu Cabido, que, desde 1539, *não queria vir para Faro*, oficiaram as cerimónias de sexta-feira maior e... ficaram! Deve ter sido um daqueles actos enérgicos que fazem as revoluções!

Este notável prelado, tão conhecido que me dispense de dizer mais, estudou e formou-se nas Universidades de Salamanca, Paris e Bolonha. Mas foi chamado pela rainha D. Catarina para ocupar na Universidade de Coimbra a Cadeira de Escritura Sagrada, o que desempenhou com universal assombro.

Sucedeu-lhe D. *Afonso de Castelo Branco*. Mais um que não perdeu pela irregularidade do nascimento pois, sendo filho do deão da capela real D. António de Castelo Branco e neto dos primeiros condes de Vila Nova de Portimão, não deixou por isso de se doutorar em Teologia na Universidade de Coimbra e veio a ser bispo do Algarve, de 1581 a 1585. Nesses poucos anos desenvolveu ali notável acção erigindo o palácio episcopal e a Santa Casa da Misericórdia. Foi ele que ofereceu à Sé a imagem da Nossa Senhora da Assunção, sua Padroeira. Da sua acção em Coimbra para onde foi transferido em 1585 sabem mais os conimbricenses pelo que falar dela dar-me-ia o ar de ensinar o pai-nosso ao cura!

O sucessor, D. *Jerónimo Barreto*, que para a Sé do Algarve veio do Funchal, também estudou na mesma Universidade onde tomou o grau de doutor e foi lento, não pude apurar de quê.

O grande D. *Fernando Martins Mascarenhas*, o bispo que suportou o selvático ataque a Faro do Conde de Essex, que até lhe levou a sua preciosa biblioteca, da qual existe uma parte, que julgo mínima, na Biblioteca Bodleiana de Oxford; que enfrentou a peste do século XVII, dando provas

de grande caridade; que foi um dos maiores teólogos do seu tempo, autor do tratado *De divinae gratiae auxiliis*; que fundou em Faro o Colégio de S. Tiago, colégio que teve um impacto notável na intelectualidade da futura capital do Algarve, também andou na Universidade de Coimbra, onde consta que «argumentava nos actos académicos».

Outro universitário de Coimbra foi *D. João Coutinho*, filho de Rui Gonçalves da Câmara, 5.º donatário da ilha de S. Miguel e 1.º Conde de Vila Franca. Estudou nessa Universidade onde se graduou em Cânones e, depois de ter sido deputado da Mesa da Consciência e Ordens, foi nomeado Reitor da mesma Universidade por provisão de 16 de Abril de 1611, tomando posse a 11 de Maio. E daí é que veio para Bispo do Algarve. Um bispo *fornecido* directamente pela Universidade a este Bispado, onde entrou em Julho de 1618.

O seguinte prelado, *D. Francisco de Meneses*, para o Algarve foi transferido de Leiria, que pastoreava, tomando posse em Dezembro de 1627. Também Doutor em Cânones, como o antecessor, teve ainda maior relação com a Universidade, pois foi seu Reformador e Reitor. Certamente os livros universitários, que me é impossível ir consultar para este trabalho, não-de ter registado isto.

Vieram, a seguir a este, dois prelados da mesma família, tio e sobrinho, ambos de nome *D. Francisco Barreto*, distinguidos um do outro por I e II.

O primeiro deles (1636-1649) natural de Serpa e filho de Nuno Alvares da Costa Barreto e de sua mulher e prima *D. Francisca Barreto*, família conhecida entre os genealogistas pelos Costas Barretos do Algarve, frequentou a Universidade de Coimbra onde foi graduado Doutor na Faculdade de Cânones. Depois de formado foi nomeado Cónego doutoral da Sé de Viseu, a seguir ocupou o lugar de deputado da Inquisição de Évora, donde passou para a de Lisboa. Aí chegou a ser do Conselho Geral do Santo Ofício e ao mesmo tempo desembargador do Paço. Uma das suas obras no Algarve foi reedificar a Capela Mor da Catedral, com colaboração do Cabido, em estilo renascença, substituindo assim a primitiva ábside muito danificada pelo incêndio dos ingleses em 1596, pondo portanto essa capela em conformidade com o corpo da igreja que *D. Fernando Martins Mascarenhas* tivera de renovar completamente naquele estilo.

Era bispo quando se deu a Restauração de 1640, estando em Lisboa em 18 de Janeiro nas Côrtes que *D. João IV* ali reuniu.

Por algum tempo governou as armas do Algarve, mostrando-se nesse encargo tão zeloso e vigilante, como no bem espiritual das suas ovelhas. Foi ele que mandou consertar a cisterna e os muros da fortaleza de Sagres, assim como os da cidade de Lagos, o castelo de Alvor e o de Albufeira. Também cuidou muito do estabelecimento termal das Caldas de Monchique, sempre depois acarinhado pelos seus sucessores. Visitou mais de uma vez as igrejas de sua diocese. Várias vezes foi a Lisboa assistir às Côrtes. Na última delas foi acometido da doença de que morreu, ficando sepultado pro-

visoriamente na igreja do Carmo, donde o Cabido de Faro o trasladou para Faro. Foi o primeiro bispo sepultado no jazigo debaixo da Capela-Mor, por ele mandado fazer quando reedificou a capela.

A Sé Vaga que se seguiu à morte deste prelado durou vinte e dois anos, devido às más relações entre a Santa Sé e D. João IV. Só em 1671 foi nomeado bispo do Algarve um sobrinho de *D. Francisco Barreto*, com o mesmo nome, pelo que é conhecido por segundo. Também natural de Serpa, recebera na Universidade de Coimbra o grau de Doutor em Cânones. Nomeado Cônego da Sé de Lisboa, deputado do Santo Ofício em Évora, inquisidor do Tribunal de Lisboa e do Conselho Geral do Santo Ofício, mereceu a estima do regente D. Pedro, que o elevou à dignidade episcopal. Como bispo, fez pessoalmente a visita ao Bispado, procurando remediar os abusos introduzidos por tão grande vacância. Depois dela publicou as segundas Constituições do Bispado, após reunião na Catedral de um Sínodo Diocesano. Foram publicadas em Évora. O seu mecenatismo levou-o a levantar desde os alicerces a Capela do SS. Sacramento da sua Sé, a ampliar e aumentar o Palácio da sua residência, a mandar alargar as acomodações dum Recolhimento junto à Misericórdia e a dar com mão liberal a todos ou quase todos os Templos da Diocese muitas peças de prata e bons paramentos. Faleceu em Faro e aí foi sepultado a 7 de Agosto de 1679.

Sucedeu-lhe *D. José de Menezes*, transferido da Sé de Miranda. Natural de Lisboa, foram seus pais D. Afonso de Menezes, Mestre-sala de El-Rei D. João IV e D. Joana Manoela de Magalhães e Menezes, herdeira da casa da Ponte da Barca. Porcionista do Colégio de S. Paulo em Coimbra, alcançou na Universidade o grau de Doutor em Cânones. Ainda foi algum tempo Reitor da mesma Universidade (1675).

Demorou-se pouco tempo no Algarve (1680-1685) sendo transferido para Lamego e depois para o Arcebispado de Braga.

Nesse pouco tempo, ainda mandou fazer o arco da Capela do Santíssimo que o antecessor não acabou, onde ficaram as suas armas, e governou as armas do Algarve, na ausência do Capitão General.

Uma nota a frisar neste prelado é que «dava mesadas a estudantes para frequentar a Universidade».

D. Simão da Gama foi um bispo notável não só pela nobreza da sua família como por seus dotes intelectuais, pastorais e mecenáticos. Filho segundo de D. Vasco Luís da Gama, 1.º Marquês de Nisa, e de sua mulher D. Inês de Noronha, filha do 3.º Conde da Calheta, corria-lhe nas veias o sangue de Vasco da Gama de quem seu pai era sucessor directo por ser 5.º Conde da Vidigueira.

Também D. Simão entrou nos estudos da Universidade de Coimbra, onde se distinguiu nas Faculdades de Filosofia e Teologia, na qual tomou o grau de Doutor. Mais tarde foi seu Reitor (2-7-1679), cargo que ocupou por espaço de seis anos e três meses, merecendo a estima e consideração do Corpo Académico. Certamente a ciência universitária e a experiência do

seu reitorado contribuíram bastante para que tivesse sido um pastor exemplar, a interpretar os Estatutos do seu Cabido, a escolher escrupulosamente os seus párocos. Talvez tenham também influído na perda precoce que o Algarve dele sofreu (1703), sendo elevado ao lugar de Metropolitano de Évora.

Da sua qualidade de fidalgo rico, filho de um bibliófilo distinto e importante coleccionador de Arte, deve ter provindo o seu mecenatismo.

A cidade de Olhão deve-lhe a igreja da Nossa Senhora do Rosário com que a dotou, quando desanexou a freguesia de Quelfes.

A Catedral de Faro mereceu-lhe particular cuidado, mandando cobrir de boas lages as duas naves laterais, fazendo um cemitério pegado à Sé para se enterrar a gente pobre, construindo a Casa do Cabido e outra para cartório assim como uma ante-sacristia, onde colocou um rico lavatório de bom gosto, erigindo a Capela de Nossa Senhora do Rosário onde mandou colocar os primeiros azulejos, que Gabriel del Barco começou a pintar para evitar a importação da Holanda.

Estas as principais obras, com que deixou o seu nome indelevelmente gravado na história diocesana do Algarve.

Sucedeu-lhe outro grande bispo — *D. António Pereira da Silva*, o primeiro do Algarve no século XVIII. Também este prelado foi um conimbricense tendo recebido na Universidade o grau de Doutor em Teologia e a beca do Real Colégio de S. Paulo. Cônego Magistral na Sé de Évora e dignitário da Inquisição, como era de regra naquele tempo, desempenhou-se tão bem destes cargos, que D. Pedro II o nomeou para o Bispado de Elvas. Depois fê-lo seu secretário de Estado e daí é que o Algarve o recebeu.

Também filho de gente fidalga — Francisco Pereira da Silva, senhor de Bretiandos e D. Joana de Noronha, filha de Damião de Sousa Menezes, Senhor de Francemil, tinha de ser um mecenas.

Reedificou a Capela colateral da Sé, da parte da epístola (absidiolo sul), que não acabou de todo por haver falecido. Lançou a primeira pedra na igreja dos Terceiros do Carmo em Faro.

Intelectualmente dedicou-se ao estudo genealógico, escrevendo um grande volume das árvores genealógicas da Província de Entre Douro e Minho e outros semelhantes, livro de que faz menção o Padre António Caetano de Sousa na História Genealógica da Casa Real.

No seu governo era de uma meticulosidade notável e de um invejável espírito de organização. As devassas das suas visitas eram absolutamente estudadas e anotadas por ele. Os seus decretos de Visita, claros e exequíveis. Foi escrevendo um «Livro para me regular no governo do Bispado», que ficou manuscrito (nem era para publicação) em que anotava tudo quanto ia sucedendo na diocese.

Faleceu em Faro, deixando a sua Capela inacabada, sendo sepultado no jazigo dos bispos da sua catedral e não no sumptuoso mausoléu que mandou construir e ficou vazio por uma conflituosa questão surgida com a família e que nem o sobrinho e sucessor conseguiu resolver satisfatoriamente.

O sobrinho que lhe sucedeu foi *D. José Pereira de Lacerda*, natural de Moura e filho de Francisco Pereira de Lacerda e de D. Antónia de Brito Nogueira, «pessoas ilustres da Província». Outro que estudou Cânones na Universidade de Coimbra, onde recebeu o grau de Doutor e foi opositor às cadeiras, nas quais leu algumas vezes por substituição.

Foi Cónego em Coimbra e, além dos então imprescindíveis cargos no Santo Ofício, foi Prior Mor da Ordem de Santiago, em Palmela, onde fez uma oração de improviso tão douta, em recepção ao Monarca, que lhe grangeou grande conceito no ânimo de El-Rei e deve ter contribuído muito para a sua eleição para o bispado do Algarve.

De resto foi um esplêndido fruto da Universidade, tido como varão de grandes conhecimentos; erudição, eloquência e discreção. Afável no trato, generoso, liberal e magnânimo foi respeitado não só em Portugal, como em Roma, onde a sua literatura lhe grangeou boa nomeada. Em tanta consideração era tido que, logo depois de nomeado bispo, em 1716, o encarregou o Papa Clemente XI da execução da Bula Áurea, que dividiu o Arcebispado de Lisboa, instituindo a Patriarcal.

No consistório imediato (29-XI-1719) o criou o mesmo Papa Cardeal Presbítero, do título de Santa Susana, cujo barrete foi receber a Lisboa. Em 1721, partiu para Roma, com o outro Cardeal Português, da Cunha, para assistirem ao conclave da eleição do novo Papa, pela morte de Clemente XI.

Com a lentidão das viagens do tempo, achou já eleito Inocêncio XIII. Foi este que lhe deu o chapéu cardinalício, o anel e o título e que o nomeou para as congregações do Concílio Tridentino, Imunidade eclesiástica, Índice e Indulgências, onde manifestou bem os conhecimentos dum Doutor formado na Universidade Portuguesa.

Permaneceu em Roma até 1728, onde recebeu as maiores distinções dos Pontífices, da Cúria Romana e até das instituições culturais italianas e viveu com magnificência e também com magnanimidade.

Em 1728 voltou a Portugal e, pouco depois, à sua diocese, onde pastoreou dignamente o seu rebanho, com desvanecimento deste, que, durante dez anos, teve as honras e o aparato de um bispo cardeal.

Foi homem de grandes letras, a ponto de a Academia dos Arcades em Lisboa, reconhecendo as suas eminentes qualidades científicas nomeá-lo seu Sócio com o nome de Retínio e denominação de *Sidiato*, dos campos vizinhos à cidade de Sida na Lacónia. Compôs várias obras em latim e português, algumas estando em Faro. Andaram impressas em Lisboa e Roma, assim como uma colecção de vários sermões que pregou. Outras obras ficaram manuscritas.

A seguir veio *D. Inácio de Santa Teresa*, Arcebispo de Goa. Este prelado natural do Porto, onde nasceu em 1692, filho de Domingos Fernandes de Sousa e D. Madalena Jacome de Torres, pessoas ilustres, embora não fidalgas, começou a estudar com os Jesuítas, mas, tomando o hábito dos

Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, passou a frequentar os estudos maiores da Universidade no Colégio de sua ordem em Coimbra e ali recebeu o grau de Doutor em Teologia (24-2-1711). Mas só ensinou Filosofia e Teologia nos Mosteiros da Ordem.

Foi nomeado Arcebispo de Goa com 38 anos de idade. Não agradando as suas admoestações a alguns diocesanos, denunciaram à Santa Sé trinta e nove proposições, que o prelado usara no púlpito, arguindo-as de contrárias aos princípios católicos. Examinadas em Roma, vieram a servir de glória ao prelado, que recebeu do Papa um Breve, reconhecendo a sua ciência e irrepreensível procedimento.

Tinha génio para a poesia, de que são prova os muitos versos latinos e portugueses compostos nos seus primeiros anos. Foi insigne na língua latina e possuía bons conhecimentos de grego. Eminente na Teologia escolástica, polémica e expositiva, assim como na jurisprudência canónica, de que são monumentos irrefragáveis as várias obras das quais se imprimiram algumas, ficando a maior parte manuscritas.

Na diocese do Algarve teve dissensões com o Cabido, por motivos que não abonam a boa fé deste. Mais dissabor ainda lhe havia de causar o caso da freira de Loulé. No convento do Espírito Santo daquela vila, hoje cidade, vivia Teresa Brites de Jesus Maria José, que fingia êxtases, raptos, visões, revelações, com intento de ser reputada por mulher de virtude e santidade. Por isso veio a ser condenada pelo Santo Ofício e ainda por ter tido relações sexuais com o director espiritual, a conselho de uma voz sobrenatural ...

O ingénuo arcebispo deixou-se iludir e persuadiu-se que a mulher era santa. Mandou-a baptizar e rebaptizou-a ele próprio terceira e quarta vez *sub conditione*. Perfeitos actos de ingenuidade, que se têm visto em outros, mas que homens mal intencionados, mesmo do Cabido, desvirtuaram. Houve pasquins afixados, atitudes indecentes e revolucionárias do Cabido. O caso chegou ao conhecimento do Papa que encarregou o Núncio em Lisboa de investigar e estranhou ao Cabido o seu procedimento irregular. Das investigações saiu ilibado o procedimento de D. Inácio.

Faleceu em 1751.

Outro arcebispo de Goa lhe sucedeu na cadeira do Algarve, também ele conimbricense de estudos. Efectivamente *Lourenço de Mele* (seu nome de baptismo) filho de António Luís de Melo, fidalgo da Casa Real, senhor do morgado de Ramirães e quinta da Graciosa, e de D. Micaela de Sampaio Pereira, frequentou a Universidade de Coimbra, na qual tomou o grau de Mestre em Artes. Foi opositor na faculdade de Cânones e, nesta qualidade, regeu a cadeira de Decretos.

Com uma vocação tardia, entrou na Ordem Franciscana, onde tomou o nome de *Fr. Lourenço de Santa Maria*. Foi um exemplar franciscano desde os empregos mais humildes que exerceu até às missões de que foi encarregado. Numa delas o surpreendeu a nomeação episcopal, que procurou recusar e que lhe foi quase imposta.

Foi nomeado arcebispo de Goa, onde perdeu a saúde. Desembarcado em Portugal em Janeiro de 1752, o Rei D. José não o deixaria descansar e nomeou-o bispo do Algarve.

Dá um verdadeiro romance o episcopado desta vítima da prepotência pombalina. Tenho pena de ser bastante idoso já para escrevê-lo. Que alguém o faça ainda como contribuição para desfazer o mito da extraordinária personalidade do Marquês.

Três anos depois da sua posse, enfrenta D. Fr. Lourenço o terramoto de 1755, que, na sua cidade foi tão intenso como em Lisboa. Vê arruinar-se a sua Sé, grande parte do seu palácio, as outras igrejas da cidade e quase todas as casas dos farenses. O intrépido bispo sai da sua casa arruinada, arregaça a batina, pega numa enxada e vai pela cidade ajudar a desenterrar os feridos e os mortos pelo cataclismo. E a seguir e por muitos anos fora o que fez foi — «enterrar os mortos e cuidar dos vivos» — célebre programa que o famoso ministro executou porque o ouviu a um fidalgo na Câmara Real. Por isso lhe aumentou o ódio à nobreza, a que D. Fr. Lourenço também pertencera ... Por isso lhe sofreu a perseguição. É incomportável num artigo fazer história do governo deste digno prelado, de uma espiritualidade intensa, mas com os pés bem assentes na terra. Só para recordar que a sua direcção espiritual era profícua, a sua administração diocesana recta e eficiente, a sua caridade inextinguível e não se esquecia de reparar os estragos materiais do terramoto, até introduzindo-lhes melhoramentos. Foi o que fez no seu paço, que reconstruiu mandando-lhe colocar os notáveis azulejos que ainda hoje o orná.

Em 1773 o Senhor Marquês, não se sabe porquê, lembra-se de dividir o já exíguo bispado do Algarve em dois — o de Faro e o de Portimão. E quer que D. Fr. Lourenço renuncie. Acena-lhe com um bispado a criar (Aveiro) para ficar mais perto da família.

E aqui está o que iria ser fonte de longo sofrimento do virtuoso bispo. Pombal mandou-o retirar a lugar distante quarenta léguas de Faro e de Lisboa. Era um exílio, nada diferente do que Afonso Costa ia promover em 1911. E não havia lei de separação! Estava-se num país católico, apostólico, romano!

Forçaram o pobre bispo a pedir a renúncia e deleitaram-se em partir o Algarve em duas fatias eclesiásticas. Nomearam bispos. Tudo ficou sem efeito. Só a diocese do Algarve sofreu feridas profundas com esta falta de um prelado eficiente durante quatro anos, em que se assistia a danças de governos eclesiásticos, que parecem brincadeiras de crianças.

É que o perseguido bispo recolheu-se a seu convento de Varatojo e só de lá saiu quando D. José saiu deste mundo e o onnipotente ministro perdeu a onnipotência. Ainda viveu na diocese seis anos. Estava em idade avançada, tinha passado vida laboriosa, cortada de desgostos e amarguras. Estava sem forças para dirigir o governo da diocese. Deram-lhe um coadjutor e futuro sucessor.

E com ele terminou os seus dias em 5 de Dezembro de 1783. O sucessor foi *D. André Teixeira Palha*, antigo Monsenhor da Igreja Patriarcal de Lisboa. Foi filho do furriel Baptista Teixeira e de Isabel Teodora, moradores em Beja. Não tinham recursos para lhe darem estudos superiores. Mas, distinguindo-se o filho nos primeiros da sua terra, isso lhe abriu caminho para passar a Évora e na sua Universidade cursar as aulas de Filosofia, em que fez maravilhosos progressos e veio a tomar o cargo de Mestre em Artes. Passou mais tarde à Universidade de Coimbra, na qual alcançou o grau de Doutor em Teologia. Na reforma que D. José fez nesta Universidade, foi D. André Teixeira Palha escolhido para ocupar uma cadeira de Teologia Moral.

Outro bispo do Algarve doutor por Coimbra e professor de Coimbra.

O seu intelectualismo fez-se sentir na erecção de quatro cadeiras de Ensino Público no Palácio Episcopal — História Eclesiástica, Instituições Canónicas, Teologia Dogmática e Teologia Moral; continuação da cadeira de Teologia Moral no Convento da Graça, em Tavira; e estabelecimento de outra semelhante no Convento dos Capuchos, de Lagos. Com determinação de que os eclesiásticos menores de sessenta anos fossem ouvir as lições públicas. Ordenou também que em todas as outras freguesias convocassem os párocos os eclesiásticos e formassem uma conferência de Moral, ao menos duas vezes por semana.

«Filho de peixe sabe nadar». Filho da Universidade sabe promover o ensino.

E não preciso de apresentar mais nada para caracterizar este prelado.

D. José Maria de Melo, que veio a seguir, nasceu na Quinta do Lumiar, a Quinta do Monteiro Mor, onde hoje está o Museu Nacional do Traje, pois seu pai foi Francisco de Melo, Monteiro Mor do Reino e sua mãe D. Maria Mascarenhas.

Cedo estudou línguas até saber com perfeição Latim, Francês e Italiano. Foi para Coimbra frequentar os estudos maiores, sendo pensionista no Real Colégio de S. Paulo e tomando o grau de Bacharel na faculdade de Cânones. Nove anos viveu na Congregação do Oratório de S. Filipe Neri, na Casa das Necessidades em Lisboa. Lá o foi encontrar a nomeação para bispo do Algarve. A caminho da sua diocese o interceptou o bispo de Beja Cenáculo, que o reteve com festas e homenagens.

Chegado a Faro, uma das coisas que mais lhe despertou a atenção foi a educação da mocidade destinada ao clero e por isso lançou os primeiros fundamentos do Seminário, que o seu sucessor levaria a efeito. Abriu no seu Palácio aulas de Moral, Escritura Sagrada e outras doutrinas eclesiásticas para o que tinha levado em sua companhia o Doutor Francisco Alexandre Lobo e outro Bacharel.

Nomeado confessor da Rainha D. Maria I renunciou o bispado mas conservou o título honorífico. Também foi Inquisidor Geral do Reino. Com a loucura da Rainha cessou o seu cargo de confessor. Deixou de

residir no Paço e assentou morada no Palácio da Inquisição ao Rossio, onde instalou a sua preciosa e selecta livraria, que veio a ser uma das melhores que no Reino possuía qualquer casa particular. Dela herdou uma parte o Seminário de Faro, com pouca felicidade, pois foi saqueada oficialmente pela República. Na Biblioteca Municipal de Faro vêem-se ainda hoje muitos livros com o *ex-Libris* — Do Bispo Inquisidor Geral.

As valiosas jóias que deixou à Mitra do Algarve foram vendidas mais tarde, em 1837, pelo Bispo D. Bernardo para se sustentar por estar sem meios de subsistência. Lindos resultados do liberalismo, só suplantados pelos do republicanismo!

Depois da nada desastrosa *excepção de D. Francisco Gomes*, reatou-se a tradição universitária dos bispos do Algarve, em *D. Joaquim de Santana Carvalho* que lhe sucedeu.

Nasceu este senhor em Setúbal, de pais humildes mas honestos. Tendo entrado no Instituto de S. Paulo Eremita, onde fez os primeiros estudos, foi mandado frequentar a Universidade onde foi condecorado com o grau de Doutor em Teologia.

Por seus vastos conhecimentos foi nomeado sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa.

Apesar de ser homem muito culto, era de uma dureza rigorosa, o que lhe motivou dissabores, acabando por renunciar.

D. Fr. Inocêncio das Neves Portugal, bispo que morreu antes de ser sagrado, também em Coimbra tinha seguido o curso académico da Universidade na faculdade de Teologia, na qual tomou o grau de Doutor. Depois seguiu assiduamente o serviço da Universidade como opositor às cadeiras até que foi para o Brasil com a Família Real.

A este bispo, que foi apenas uma esperança, sucede outro, que foi uma realidade bem humana de peripécias sócio-políticas que agitaram o seu episcopado — *D. Bernardo António de Figueiredo*.

Natural de Gouveia, foi filho de Pedro de Figueiredo e de D. Jacinta de Couto e Almeida. Mas também foi filho (intelectual) da Universidade de Coimbra, onde tomou o grau de Doutor em Cânones, sendo opositor a algumas cadeiras, mas indo ensinar Instituições Canónicas no Seminário Episcopal da mesma cidade. Mais tarde foi despachado para Lente de História Eclesiástica da Universidade mas recusou aceitar.

Como atrás disse, o seu episcopado foi agitado principalmente por se ter enfeudado ao partido miguelista, o que lhe acarretou dissensões com o Cabido, com os diocesanos e com os poderes públicos, que não deram brilho à Universidade onde estudou.

Atrás dele veio outro Bernardo — *D. António Bernardo da Fonseca Moniz*. Foram seus pais Francisco José Nunes da Fonseca e D. Ana Maria de Madureira Ferreira de Castro. Viu a luz do mundo em Moncorvo. Viu a luz da Ciência nas aulas da Universidade de Coimbra, onde, em 1814, concluiu os seus estudos recebendo o grau de Bacharel formado em Direito.

Este foi um bispo liberal, eleito por D. Maria II, depois de ter sido Vigário Geral de Valença, abade de Genares, Procurador-Geral da Mitra de Braga, Desembargador da Relação metropolitana, Promotor Apostólico, Examinador Sinodal e Vigário Geral do Arcebispado e outras honrarias. Depois foi Governador do Bispado de Coimbra, Tesoureiro Mor da Sé Metropolitana de Lisboa e Cónego da mesma Sé, embora continuando governador do Bispado de Coimbra. Daí foi transferido para idêntico lugar do Arcebispado de Braga. Foi deputado e Senador.

Com todos estes antecedentes e experiência recebeu a sua nomeação para Bispo do Algarve. Como tal era Par do Reino e passava grande parte do tempo na Corte exercendo essas funções. Apesar disso foi prelado de exemplar e correcta administração deixando o nome escrito no coração dos diocesanos pela sua grande caridade e mais virtudes. As suas Pastoris foram muito notáveis, especialmente as de 4-XII-1856, 10-7-1858 e 13-V-1859, pelas quais reformou a disciplina eclesiástica.

Foi transferido para o Porto, onde faleceu em 3-XII-1859.

Depois de um ano de vacância da Sé, foi eleito Bispo do Algarve *D. Carlos Cristovão Genez Pereira*. Mestre-Escola da Sé de Lisboa, então a fazer parte da Junta governativa do Patriarcado enquanto o Patriarca D. Guilherme foi a Roma assistir à definição Dogmática da Imaculada Conceição de Maria.

Mais um prelado natural de Serpa, chamada *Vila dos Bispos*. Com ele já eram catorze os bispos nela nascidos. Os pais eram honrados lavradores — Miguel José Vaz e D. Ana Vicência Gomes Pereira.

Mais um bispo proveniente da Universidade de Coimbra, que, já sacerdote da Ordem de S. Bento de Aviz, a foi frequentar, recebendo com distinção os graus académicos. Fora condiscípulo dos Cardeais Silva e Saraiva Carvalho, de José Manuel de Almeida Correia de Lacerda, José Jacinto Valente Farinha, João Elias da Costa Ferreira Silva, João de Sousa Pinto de Magalhães, Joaquim António de Aguiar, Bartolomeu dos Mártires e António Maria Gentil.

Foi pároco, Desembargador da Relação Patriarcal, cónego e depois Mestre-Escola da Sé de Lisboa, Vice-comissário Geral da Bula da Santa Cruzada.

No ano em que tomou posse do Bispado do Algarve, tomou assento na Câmara dos Dignos Pares.

Da sua acção pastoral na diocese, por todos louvada excepto pelos inimigos políticos, que o odiaram por ser legitimista, destacarei a instituição de prémios aos estudantes que se distinguiram nas aulas do Seminário, uma nota abonatória para um antigo aluno da Universidade de Coimbra.

Seguiu-se a este venerando prelado, *D. Inácio do Nascimento Moraes Cardoso*, natural de Murça e filho de Hipólito de Moraes Cardoso e D. Eufémia Joaquina Cardoso. Também este senhor passou por Coimbra, onde se formou na Universidade, sendo premiado em todos os anos. Não quis Doutorar-se para reger uma cadeira universitária.

Obtendo dimissórias para o Patriarcado, aí foi capelão e confessor de D. Pedro V, Tesoureiro Mor das Reais Capelas e Cónego da Sé de Lisboa. Desse lugar ascendeu a Bispo do Algarve. Só ocupou esta cadeira episcopal sete anos. Menos afável que o antecessor, duro e burocrata, gostando de passear, não grangeou a simpatia dos diocesanos. De resto, nos seus escritos pastorais nota-se-lhe uma preocupação de solenidade e regalismo, enfeudado profundamente ao «governo de Sua Magestade», a enfeitar uma certa vacuidade nos assuntos tratados.

A sua ascensão a Patriarca de Lisboa nem deixou saudades, nem provocou entusiasmo na diocese.

Uma vacância de treze anos ocasionou no bispado do Algarve certo abalo disciplinar do clero a que veio dar remédio a personalidade invulgar de D. António Mendes Belo. Filho do honrado industrial Miguel Mendes Belo e de D. Rosalina de Almeida Mota, nasceu na freguesia de S. Pedro de Gouveia em 1842. Tendo ganhado foros de grande estudante na escola pública de latim então existente em Gouveia, isso deu-lhe acesso ao Seminário de Coimbra, onde concluiu o curso em 1862. No liceu de Coimbra repetiu os seus exames matriculando-se depois na Faculdade de Direito. No decorrer da formatura obteve em todos os anos as primeiras classificações. Concluindo o curso, a Faculdade de Direito convidou-o a receber o capelo, mas o laureado estudante não aceitou o honroso convite.

Voltou para a terra natal e dedicou-se à advocacia. Ainda foi professor para o liceu de Funchal para acompanhar um amigo que para ali foi procurar alívio numa doença. De volta a Portugal ensinou Teologia no Seminário de Elvas. O governo escolheu-o para governador do Bispado de Pinhel, espinhosa comissão em que revelou predicados especiais na administração da justiça.

Depois o Patriarca de Lisboa conferiu-lhe as honras de Desembargador da sua Relação e Cúria.

Por a diocese de Aveiro necessitar de uma séria administração o governo mandou-o para lá.

Recomendado à Santa Sé para Vigário-Geral do Patriarcado, o Papa preconizou-o Arcebispo de Mitilene em 1884.

Tudo isto constituiu uma óptima preparação para a notável acção desempenhada por D. António no Algarve para cuja Sé foi eleito meses depois. Duas notas importantes destaco na acção deste ilustre prelado: a disciplina e prestígio que restabeleceu no seu clero e as ímpares pastorais que publicou em todos os anos em que pastoreou o rebanho algarbiense, e andaram impressas.

As altas qualidades deste bispo, recusadas a Coimbra, não deixaram de dar glória à Universidade, que teve nele um Patriarca de Lisboa, um Cardeal da Santa Igreja Romana e um mártir das prepotências republicanas, que lhe fizeram conhecer as amarguras do exílio.

E foi este o último bispo do Algarve formado na Universidade de Coimbra.



Mas da Universidade vieram para a Diocese mais meridional do país, também muitos dos seus cônegos e dignidades, que para aqui trouxeram a sua aura, o seu saber e a sua influência.

Simplemente lembro os nomes, transcritos do meu trabalho: «Faro, Cidade Universitária».

«Muitas das dignidades da Sé eram doutores: Dr. Mathias da Fonseca, já em 1582; Dr. Pedro Borges Tavares (1667-1672); Dr. Filipe Holanda (1672-1700). Estes foram deãos. Mestres-Escolas houve, no século xvii, dois com a designação de doutores: Diogo dos Santos Trancoso (era em 1632) e António Luís de Carvalho (1676-1701)».

«Dos cônegos havia alguns obrigatoriamente formados na Universidade: os magistrais, em Teologia; e os doutorais ou canonistas, em Cânones ou Direito Eclesiástico e Civil».

Dezassete magistrais podem contar-se do século xvii ao xx: Jorge de Castro (1606); Fernando da Cruz (doutor em Teologia — Mestre em Artes); Amaro Simões das Neves; Francisco de Torres; Jerónimo de Almeida Monteiro; Lourenço Baptista Feyo; José de Oliveira Calado; António Lopes Salomé; Jaime António de Magalhães; António José de Sousa e Azevedo; Luis António Lopes Pires; Mariano José Sárrea e Almeida; Francisco Xavier da Silva Neto; Luis Manuel Soares; Francisco de Arantes; e António Belarmino Correia da Fonseca (1831-1870) que foi o último».

«Doutorais, de 1600 a 1831, houve os seguintes: Mathias da Fonseca, Ruy Fernandes de Saldanha, Martim Afonso de Melo, Manuel Roque, João Azevedo, António de Gouveia e Sousa, Roque Ribeiro de Abreu, António Teixeira Alves, Francisco de Almeida Caiado, António de Andrade Rego, António da Rocha Ferreira, José Gomes Monteiro, João Teixeira de Carvalho (o indigitado bispo pombalino de Portimão, mas que nunca pôs mitra), Gabriel de Vilas Boas Palmeiro, Pascoal José de Melo (talvez parente do jurisconsulto que tem uma rua em Lisboa), José Cardoso Ferreira Castilho, Ricardo Raimundo Nogueira, António Ribeiro dos Santos, António José Saraiva de Amaral, João Pedro Ribeiro (que depois foi doutoral da Sé do Porto), António Pinheiro de Azevedo Coutinho e Silva e Francisco Ribeiro dos Guimarães».

«Dos Penitenciários também houve alguns doutores: Miguel de Ataíde Corte-Real (1735-1749), Ambrósio José Barbosa (1749-1755), Manuel Pinto Ferraz (1755-1778) e José da Assunção Leote (1798 ...). Dos cônegos «com ónus de ensino»: José Lapa Fernandes Manuel, Diogo Gomes Paulo, Pedro Manuel Nogueira, António Mourato Themudo, Manuel Bernardo Cardoso Botelho Furtado, João Cândido de Novais e Sousa e Artur Fernandes Barbosa da Guerra Leal.

Cônego Reitor da Sé de Faro — Dr. Joaquim Pedro da Costa Maciel. Simples cônegos prebendados, com láurea universitária, desde os fins do

séc. xvii: Dr. Gaspar Madeira (1700), Dr. João Rodrigues Fialho, Dr. Francisco Martins Ayres, Francisco Xavier Pelicão, Joaquim Manuel Peixoto, Domingos Antunes de Araújo Brandão, Joaquim José de Azevedo Magalhães, Manuel Aleixo Duarte, António Luís de Macedo e Brito, Dr. Alexandre Manuel Fonseca dos Santos Viegas.

Nos meios-cónegos, com a meia conezia reitoral: o Licenciado Barão do Vale Rasquinho, e os Doutores Francisco Teixeira de Barros e Manuel de Almeida Pinho Tavares († em 1773).

Entre os Beneficiados Capitulares, o licenciado Brás Dias de Lima. Na lista dos Beneficiados Cantores, dois Doutores: João Rodrigues Rasquinho († em 1749) e João de Carvalho Franco († em 1807). Como se vê, o Cabido em Faro, até nos seus lugares inferiores ostentava indivíduos formados.

* * *

Em 24 bispos do Algarve, que se sentaram no sólio episcopal de Faro desde 1577 até 1908 — mais de quatrocentos anos — só um, D. Francisco Gomes do Avelar — não passou pelos bancos da Universidade de Coimbra. Vinte e três foram seus alunos, dos quais, cinco seus Lentes e três seus Reitores, tendo tido um mais a incumbência de seu Reformador. Posso ainda acrescentar que a dois foi oferecido o lugar de Lente, que não quiseram aceitar.

É um panorama lindo e honroso para a prestigiosa Escola Superior Coimbrã, para a vetusta diocese algarbiense, para a própria genealogia episcopal, ornada de categoria intelectual, que a aureola perante os diocesanos.

Bispos rodeados ainda da ciência e do prestígio dos seus capitulares formados na mesma Universidade, setenta e um na resenha atrás apresentada, que está longe de ser completa pois os livros capitulares da Sé de Faro são remissos nessa informação.

Não pode deixar de pressentir-se, de modo genérico, a influência universitária de Coimbra na condução da Igreja Algarvia e na intelectualização do ambiente de Faro, preparando-o de longe para a cidade vir a ter, também ela, uma Universidade.

Talvez com longas pesquisas se pudessem descobrir provas específicas e concretas desta afirmação.

O que, por agora, não pode deixar de ver-se e concluir-se, em face do exposto, é que, entre a Diocese do Algarve, Sé em Faro, e a Universidade de Coimbra, existiram, durante mais de quatrocentos anos, relações filio-maternais, a que se deve, em parte, a orientação dos pastores algarbienses e a evolução histórico-religiosa dessa parcela da Igreja Católica em Portugal.

Faro, Setembro de 1988.

FONTES

LOPES (João Baptista da Silva) — *Memórias para a História Ecclesiastica do Bispado do Algarve*. Lisboa, 1848.

ROSA (José António Pinheiro e) — *A Catedral do Algarve e o seu Cabido — Sé em Faro*, 1.º e 2.º volumes. Faro, 1983 e 1984.

ROSA (José António Pinheiro e) — *Faro, Cidade Universitária*. Faro, 1987.

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA «IMPRESA DE COIMBRA, LIMITADA»
LARGO DE S. SALVADOR, 1-3 — COIMBRA

SUMÁRIO DO VOL. 37

DA REVISTA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

- *Educação e ensino popular na Madeira (Séc. XVIII—1840)*, por ROGÉRIO FERNANDES.
- *Mato-Grossenses na Universidade de Coimbra* por CARLOS FRANCISCO MOURA.
- *A Diocese do Algarve e a Universidade de Coimbra*, por JOSÉ ANTÓNIO PINHEIRO E ROSA.
- *D. Gastão Fausto da Câmara Coutinho, primeiro bibliotecário da Biblioteca da Marinha, intérprete do poeta latino Horácio*, por JUSTINO MENDES DE ALMEIDA.
- *A águia bicéfala bizantina em Portugal*, por FRANCISCO DE SIMAS ALVES DE AZEVEDO.
- *Para situar a filosofia da cultura de Bento de Jesus Caraça*, por ANTÓNIO PEDRO PITA.
- *A tirania dos Pisistratos*, por JOSÉ RIBEIRO FERREIRA.
- *O carácter de Agamémnon no «Agamémnon» de Ésquilo*, por MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO.
- *Fundamentos teóricos da hierocracia no pensamento político da baixa Idade Média*, por JOÃO MORAIS BARBOSA.
- *A polémica «monopsiquista» de 1270: T. de Aquino e S. de Brabante*, por MÁRIO A. SANTIAGO DE CARVALHO.
- *O significado dos lapidários antigos*, por MARIA HELENA DE TEVES COSTA UREÑA PRIETO.
- *Epístolas de Ovídio. Versão inédita de Fernão da Silveira*, por JOSÉ PEREIRA DA COSTA.
- *Ainda a autoria da «Ars Eloquentiae» da Biblioteca Pública de Évora*, por AMÉRICO DA COSTA RAMALHO.
- *A propósito de uma nova edição da gramática de Fernão de Oliveira*, por AMADEU TORRES.
- *O «Auto dos Mistérios da Virgem»*, de Gil Vicente, por SEBASTIÃO PESTANA.
- *Terras de Além no Relato da viagem de Vasco da Gama*, por JOSÉ PEDRO MACHADO.
- *Linguística camoniana*, por TELMO VERDELHO.
- *Nótulas Camilianas*, por ALEXANDRE CABRAL.
- *«Testamento de Mecenas» (História do manuscrito duma crónica póstuma de Eça de Queiroz)*, por ERNESTO GUERRA DA CAL.
- *A hora do poeta: O «Hyperion» de Keats na «Mensagem» de Pessoa*, por MARIA IRENE RAMALHO S. SANTOS.
- *O século XX na novela portuguesa*, por PAVLA LIDMILOVÁ.
- *A língua geral*, por ERASMO D'ALMEIDA MAGALHÃES.
- *Toponímia Portuguesa — Vilaricall*, por PEDRO CUNHA SERRA.
- *Do ser à acção: «o facto de ser x» «condição (estatuto) de x» e «atitude de (quem é) x»*, por GRAÇA MARIA RIO-TORTO.
- *Mais orações criptojudias de Rebordelo*, por MANUEL DA COSTA FONTES.
- *O teatro em Goiás no século XVIII*, por CARLOS FRANCISCO MOURA.
- *Notas de leitura sobre Fausto. Tragédia subjectiva de F. Pessoa*, por LUDWIG SCHEIDL.
- *'English': Say What? — Questions of literacy in a foreign language*, por MARTIN A. KAYMAN.

